

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

EDIVANIA ALEXANDRE DE LIMA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA:
PROBLEMÁTICA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA**

**CAJAZEIRAS/PB
2012**

EDIVANIA ALEXANDRE DE LIMA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA:
PROBLEMÁTICA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em cumprimento dos requisitos necessários para conclusão do curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria Janete de Lima

**CAJAZEIRAS/ PB
2012**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L732d	<p>Lima, Edivania Alexandre de. Dificuldades de aprendizagem da leitura: problemática no contexto da sala de aula / Edivania Alexandre de Lima. – Cajazeiras, 2012. 55f. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Ma. Maria Janete de Lima. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2012.</p> <p>1. Aprendizagem de leitura. 2. Dificuldades de aprendizagem. 3. Hábito de leitura. 4. Processo de leitura. 5. Leitura - cotidiano escolar. 6. Ensino- Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moises Coelho - Município - Cajazeiras- Paraíba. I. Lima, Maria Janete de. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p> <p>CDU – 37.091.322.7</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

EDIVANIA ALEXANDRE DE LIMA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA:
PROBLEMÁTICA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em cumprimento dos requisitos necessários para conclusão do curso de Pedagogia

Aprovado em: ____/____/2012

Banca Examinadora

PROFA. MS. MARIA JANETE DE LIMA- ORIENTADORA
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

PROFA. MS. EDINAURA ALMEIDA DE ARAÚJO
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

PROFA. MS. DÉBIA SUÊNIA DA SILVA SOUSA
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

CAJAZEIRAS – PB

2012

Dedico este trabalho as pessoas que fazem parte de minha vida, em especial ao meu irmão Marcos Antônio Alexandre de Lima (in memória).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, o grande arquiteto do universo por mais uma conquista concedida.

A minha família, que me apoiou e me proporcionou meios para realização deste sonho, em especial, a minha mãe, meu pai, irmãos e irmãs, sobrinha/os, a minha amiga Terezinha Manguiera, que sempre me estimulou e incentivou durante as etapas da minha formação acadêmica.

Ao meu marido, pelos momentos difíceis, compreensão, carinho e amor que me fizeram acreditar que seria possível vencer.

A todos os meus colegas de turma, pela satisfação de ter conhecidos todos eles, em especial a todas as meninas da RUF1.

A todos os professores do curso de Pedagogia do CFP, por compartilharem conosco grande parcela dos seus conhecimentos. Em particular a minha Orientadora Maria Janete de Lima pelo incentivo, simpatia e presteza no auxílio às atividades e discussões sobre o andamento desta Monografia de Conclusão de Curso.

Também meus sinceros agradecimentos à coordenação do curso por sua dedicação e empenho, buscando sempre engrandecimento pessoal e profissional.

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora.

Bamberger

RESUMO

O estudo tem por tema: Dificuldades de aprendizagem da leitura: problemática no contexto da sala de aula. Como objetivo geral: Conhecer as principais dificuldades relacionadas à aprendizagem da leitura em sala de aula. E objetivos específicos: Identificar os principais aspectos que interferem no processo de aprendizagem da leitura pelos alunos que estão nos Iniciais do Ensino Fundamental; Analisar de que forma as metodologias pedagógicas utilizadas pelos professores, podem levar os alunos a desenvolverem o gosto pela leitura; Observar se a leitura é utilizada de maneira prazerosa no cotidiano escolar; Esta pesquisa buscou entender como se dá o processo da leitura nos anos Iniciais do Ensino Fundamental, para sua concretude se fez necessário à utilização de um método específico que atendeu as necessidades postas nos objetivos, ou seja, que operacionalizou de maneira contemplativa a pesquisa. O estudo de caso proporcionou uma visão mais ampla do cotidiano escolar, além de trazer conhecimentos e contribuir para a mudança do fato estudado. Os dados foram coletados na E. E. E. F. Dom Moises Coelho, Centro Cajazeiras – PB. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos e professores. Sendo 32 alunos da referida escola, divididos entre o 1º, 2º, 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. E ainda quatro educadoras das turmas citadas anteriormente. Para coleta de dados utilizou-se a observação sistemática. Desta forma, o período de observação se deu permitindo assim um contato pessoal e estreito com o fenômeno pesquisado. Foi utilizado também, como instrumento de pesquisa para o levantamento de dados, o questionário individual e estruturado, sendo este um conjunto de questões, ordenadamente ditas, que se propõem a levantar conhecimentos registrados por partes dos sujeitos pesquisados, com o intuito de avaliar a opinião dos mesmos sobre o tema em estudo. Um somatório de fatores, conforme foi demonstrado neste trabalho pode ser considerada a causa da dificuldade de leitura apresentada pelos alunos dos anos Iniciais do Ensino Fundamental. Deste modo, a solução do problema não é algo que se possa dizer simples, mas que, no entanto se faz decorrer por complicação.

Palavras-chave: dificuldades. leitura. cidadania.

ABSTRACT

The study has the theme: Difficulties in learning to read: problematic in the context of the classroom. As a general objective: To identify the main difficulties related to learning to read in the classroom. The specific objectives: Analyze how the teaching methodologies used by teachers can lead students to develop a love for reading; Observe the difficulties experienced by students in the process of learning to read in school life; analyze the main aspects that affect the learning process in reading of students who are in the early grades of elementary school; Observe if the reading is used so pleasant in daily school; This research sought to understand as of the reading process in the early Initials Elementary School, for its concrete was required to use a specific method that met the requirements placed on goals, namely that operationalized contemplatively research. The research of qualitative nature gave us a broader view of everyday school life, besides bringing knowledge and contribute to the change of studied fact. Data will be collected on E. E. E. F. Don Moises Coelho, Cajazeiras Center - PB. The research subjects are students and teachers. Being 32 students of that school, divided between the 1st, 2nd, 3rd and 4th year of elementary school. And also four teachers of the classes mentioned above. For data collection we used systematic observation. Thus, the observation period took place in a controlled and systematic, allowing personal contact and narrow with the studied phenomenon. It was also used as a research tool for data collection, the individual questionnaire and structured, which is a set of issues, neatly told, they propose to raise knowledge recorded in parts of the subjects studied, in order to assess opinion the same on the topic under study. The sum of factors, as demonstrated in this work can be considered the cause of reading difficulty presented by the students of the early years of elementary school. Thus, the solution is not something you can say simple, but which nevertheless is made by over complication.

Key words: difficulties. reading. citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPITULO I – COMPREENDENDO O ATO DE LER NA SOCIEDADE E DENTRO DO CONTEXTO DA SALA DE AULA	14
1.1. Um breve histórico da leitura na sociedade.....	14
1.2. O pouco hábito de leitura dos alunos: razões possíveis para o fracasso escolar.....	16
1.3. Professores que não gostam de ler.....	17
1.4 Determinar o que deve ser lido pelos alunos.....	18
1.5. Tardia iniciação da leitura na escola.....	20
1.6. O que efetivamente vem a ser ler?.....	21
1.7. Construir o gosto pela leitura.....	23
1.8. A vontade de aprender.....	24
CAPITULO II – METODOLOGIA	27
2.1. Metodologias da pesquisa: estudo de caso.....	27
2.2. O contexto da pesquisa.....	28
2.3. Sujeitos da pesquisa.....	29
2.4. Os instrumentos de coleta de dados.....	29
CAPITULO III CONCEPÇÕES DE LEITURA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	32
3.1. Análise do questionário das educadoras.....	32
3.1.1. Concepção de leitura na visão das educadoras.....	32
3.1.2. Dificuldades de aprendizagem da leitura.....	33
3.1.2.1. Indisciplina.....	34
3.1.2.2. Falta de acompanhamento familiar.....	34
3.1.2.3. Aprovação sem êxito na aprendizagem.....	35
3.1.2.4. Decodificação do código escrito.....	36
3.1.3. Recursos utilizados pelas educadoras.....	36
3.1.4. Metodologia utilizada pelas educadoras.....	37
3.2. Análise dos dados do/as aluno/as.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES	
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O EDUCADOR.....	49
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O EDUCANDO.....	50
ANEXO	
ANEXO A -.....	51

INTRODUÇÃO

Mesmo que a vivência em sociedade seja possível sem que exista por parte dos viventes o domínio da língua, podemos detectar que os que vivenciam tal situação são as pessoas consideradas especiais e os analfabetos, por exemplo, pessoas essas que experimentam exclusão social, que surge da inexistência por parte dos mesmos, de vivência de cidadania ativa, entendida como sendo semelhante de alguém que se faz “sujeito de direitos e deveres e que está capacitado a participar da vida da cidade e, extensivamente, da vida da sociedade” (SAVIANI apud OLIVEIRA, 2000, p. 57).

Assim sendo, podemos entender que a vivência de cidadania ativa em uma sociedade grafocêntrica (sociedade onde saber ler e escrever são saberes indispensáveis à aceitação social), ou melhor, como é o caso da contemporânea, estabelece o domínio da leitura, pois não saber ler exclui o homem totalmente do processo histórico por que passa a sociedade na qual o mesmo está inserido. Alheio à realidade concreta tende o analfabeto ou o analfabeto funcional (ao contrário do analfabeto, que é a pessoa que não sabe ler, o analfabeto funcional consegue reconhecer as letras) a ficar à margem do processo de construção e desenvolvimento social. Além disso, o analfabeto funcional - conceito difundido pela UNESCO - não consegue entender o que lê e nem elaborar um enunciado, por mais curto que seja sobre um assunto genérico. Assim, tanto o analfabeto quanto o analfabeto funcional, sofrem da marginalização social, bem como da manipulação que lhes é chegado a partir dos discursos políticos ou mediáticos.

Desse modo, percebemos que o domínio da leitura é indispensável à aquisição de postura independente e, portanto, cidadã, pois de acordo com os PCN (1997, p. 15).

“O domínio da língua oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, participa ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”.

De acordo com dados do IBGE houve uma redução do analfabetismo no Brasil, no ano de 2000, 12, 8% da população com mais de 10 anos era analfabeta, em 2010, o percentual caiu para 9%, uma redução de 29, 4%.

Portanto podemos constatar a queda da taxa de analfabetismo no Brasil. Isto leva a crer que há maior número de pessoas frequentando a escola e, em consequência disto, adquirindo habilidades para ler e escrever um pequeno texto. Ainda que com grandes dificuldades. É precisamente este o alvo decisivo da questão: na maioria das vezes os que são colocados em contato com textos, independente do gênero, não conseguem desenvolver a leitura no sentido estrito da palavra, entendendo que leitura é a capacidade de relacionar o que se ler com o mundo onde o indivíduo está inserido, levando em consideração todo o contexto de produção do texto em análise. Isso quer dizer que a mera decifração de signos escritos – decodificação- se configurem habilidade de leitura. A decodificação precede a leitura, mas ler é algo que vai além de decifrar códigos, é relacionar, compreender, é (inter) agir, é predizer, ter capacidade de posicionamento crítico a partir do objeto lido.

Assim, percebemos a diferença entre o que se entende por alfabetizados, quando se é levado em consideração às análises dos acontecimentos. Ou seja, o olhar que se apoia no criticismo entende que o ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, segundo Freire (2000, p. 11). Portanto, se a ótica por que se observa o fato da queda da taxa de analfabetismo no Brasil é a numérica, a conclusão que se chega é ilusória.

Diante disso entendemos que esse tipo de alfabetizado é vivenciador de uma cidadania passiva, uma vez que mesmo sendo capaz de resolver os problemas imediatos que o dia-a-dia lhe apresenta, não significa que o mesmo seja capaz de diferenciar o que lhe é proposto em ocasiões formais, visto que o mesmo só é capaz de entender o texto que já tem em mãos, tendo dificuldade de relacioná-lo com o mundo a sua volta.

Uma pergunta objetiva se faz anunciar: quando a leitura viabilizará ao aluno a condição de sujeito ativo? A resposta convincente será aquela que ultrapasse por parte do alfabetizado os limites atribuídos pelo letramento. Isto é, espera-se que o aluno seja capaz de se adequar a um processo de aprendizagem continuado e autônomo. Ou seja, se adapte ao mundo do trabalho, pois na sociedade contemporânea, impõe-se que o indivíduo saiba ler e escrever.

Perante esta realidade, aumenta a responsabilidade da escola no referente a subsídios que pode oferecer na construção da postura de cidadão no

aluno. Ou seja, mesmo que vivencie situações de dificuldades mediante ao contexto social onde o indivíduo se estabelece, como violência, desemprego, falta de moradia, não acompanhamento da família no processo de ensino aprendizagem das crianças, dentre outros. Mediante essa deficiência à escola se atribui dentre outras coisas a missão de atuar como agente determinante da redução da injustiça social, e assim, viabilizar ao aluno a possibilidade de vivenciar uma prática de leitura que lhe permita aproveitar a oportunidade de adquirir uma postura de leitor crítico.

No momento em que o indivíduo insere-se na sociedade e dela tirando seus recursos, a escola por sua vez vivencia uma autonomia relativa, segundo Perrenoud (2005, p. 9) “não se pode exigir que ela preserve ou inculque valores que uma parte da sociedade vilipendia ou só respeita da boca para fora”. Contudo, afirma Freire (2004, p. 98) que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”. Diante deste pensamento espera-se que os educadores se engajem no desempenhar dessa concepção do autor Paulo Freire, pois aos educadores compete envolver o ato de educar como algo que vai além da obrigação de ministrar os conteúdos que lhes são atribuídos.

Dessa forma entende-se que saber ler, dentre outros elementos, contribui para que o indivíduo adquira desenvoltura e habilidades necessárias a uma vivência digna em sociedade, ou seja, o indivíduo se torna dono do seu próprio modo de agir, ou em outras palavras segundo Orland (2002) ele “deixa de ler pelos olhos de outrem” assim de fato podendo experimentar o que é ser cidadão dono de suas próprias escolhas.

Apesar de existir nas escolas projetos e iniciativas que visem à formação de leitores. Todavia, mesmo existindo tais ações, na maioria das vezes, são carentes de engajamentos políticos e, a falta deste traço, não proporciona aproximar-se ao leitor a qualidade de leitor crítico.

Mesmo quando esses projetos são colocados em práticas pode-se perceber o desencontro significativo de concepções tanto proveniente por parte dos professores quanto das equipes pedagógicas. Apesar do empenho despendido, esses agentes contribuem muito mais para a alienação do que para o desenvolvimento da criticidade, pois segundo o autor (SILVA, 2002, p. 27).

As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente, precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelos estudantes, para que desde as séries iniciais, desenvolvam atitudes de questionamentos perante os materiais escritos.

A falta de engajamento político com relação aos projetos de leitura vivenciados pelas escolas públicas brasileiras lança a ideia de descompromisso por parte do professor no referente à sua prática e, por conseguinte, solicita ao aluno o chegar à mera decodificação de algo que já existe, sem dar a oportunidade do mesmo fazer novas descobertas.

Desse modo, tomando como partida o questionamento acerca da competência da prática pedagógica na alfabetização de crianças, principalmente no que diz respeito à capacidade de ler e entender o que se ler e tomando-se como objeto de estudo uma escola pertencente à rede municipal cajazeirense de ensino, este trabalho intitulado a “Dificuldades de aprendizagem da leitura: problemática no contexto da sala de aula” tem por objetivo geral: Conhecer as principais dificuldades relacionadas à aprendizagem da leitura em sala de aula. E objetivos específicos: Identificar os principais aspectos que interferem no processo de aprendizagem da leitura pelos alunos que estão nos Iniciais do Ensino Fundamental; Analisar de que forma as metodologias pedagógicas utilizadas pelos professores, podem levar os alunos a desenvolverem o gosto pela leitura; Observar se a leitura é utilizada de maneira prazerosa no cotidiano escolar. O trabalho será organizado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo, denominado: Compreendendo o ato de ler na sociedade e dentro do contexto da sala de aula, buscará mostrar de forma minuciosa o que vem a ser ler na sociedade e dentro do contexto da sala de aula, uma vez que é necessário saber ler para se ter êxito tanto na vida pessoal como profissional.

O segundo capítulo, Metodologia procurando atender os objetivos deste estudo, cujo tema focaliza as “Dificuldades de Aprendizagem da Leitura: problemática no contexto da sala de aula” para este realizou-se uma pesquisa que se compõe de pesquisas bibliográficas, questionários e observação feita em sala de aula.

Por fim terceiro capítulo, Concepções de leitura e dificuldades de aprendizagem trata da análise crítica dos dados obtidos durante toda a pesquisa

qualitativa, que se deu de forma significativa para a ampliação deste trabalho, pois foi através desta que obtive respostas para dúvidas e questionamentos a respeito do tema.

Desse modo o processo metodológico de estudo foi realizado através de observações feitas no espaço escolar escolhido, em respostas de questionários aplicados. No referente ao quadro teórico, lançou-se mão de Regina Zilberman, Paulo Freire, Isabel Solé, Magda Soares, dentre outros, por se constatar que tais teóricos tem produção significativa sobre leitura em sala de aula, dificuldades na aquisição da leitura e acerca da importância do ato de ler na sociedade contemporânea. Buscou-se ainda apoio nos Parâmetros Curriculares Nacionais, dentre outros.

CAPITULO I – COMPREENDENDO O ATO DE LER NA SOCIEDADE E DENTRO DO CONTEXTO DA SALA DE AULA

1.1. Um breve histórico da leitura na sociedade

No Brasil, o ensino da leitura e escrita surgiu na década de 1549, isso só com a chegada dos jesuítas ao Brasil, pois eram eles os únicos responsáveis pela educação do país. A tarefa principal deles era alfabetizar os filhos dos senhores de engenho, ou seja, ensinar a essa pequena minoria ler, escrever e contar.

Nesse mesmo período a educação era voltada apenas para a classe dominante. Para as classes menos favorecidas existia outro tipo de educação. Porém em prol da educação no nosso país pouco foi feito com relação à melhoria de qualidade do ensino, sendo que as autoridades davam ênfase a quantidade e não a qualidade.

No processo de educação daquela época não era levado em conta o aspecto qualitativo, a leitura também não era vista como proveitosa e poucos tinham o domínio dela. Além disso, não se tinha professores qualificados, e a preocupação do governo para com essa área não existia. Por não se ter a devida preocupação e nem investimento para com a educação o grande problema enfrentado pela população era o analfabetismo.

Com passar do tempo o analfabetismo juntamente com a educação foi ganhando espaço mediante a sociedade, e dessa forma sendo amenizado, as pessoas passaram a aprender a ler e escrever, sendo que a apreensão era mais com a escrita do que com a leitura, pois a pessoa tida como alfabetizada era aquela que simplesmente só sabia ler e escrever. Isto é, não os incorporava a prática de leitura e não adquiriam competências para usá-las em suas práticas sociais, ou seja, não liam livros e ainda tinham grandes dificuldades em ler ou escrever uma carta ou um pequeno texto que fosse.

Já na década de 70, os estudos sobre leitura, tiveram grandes contribuições dos campos da Linguística, tais como a Psicolinguística e a Sociolinguística. Com o avanço dessas áreas a leitura ganha mais destaque e vai se ampliando e desmistificando a ideia de ler só por ler, mas ler para aprender.

Mesmo com todos esses avanços ainda ficou difícil se trabalhar a leitura na sala de aula. Pois na visão dos professores não tinham recursos materiais

eficientes para que houvesse o planejamento adequado para se colocar em prática suas aulas.

No ensino fundamental, um dos fatores responsáveis pelo fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e escrita, o Brasil por ser considerado um país em desenvolvimento, seus índices de repetência estão cada vez mais ligados às dificuldades que as escolas apresentam de ensinar crianças, jovens e adultos a lerem e escreverem.

Devido a todos esses problemas que o Brasil enfrentou e continua enfrentando, é que ainda existem dificuldades de aprendizagem na sala de aula, tanto com relação à leitura, e interpretação de textos, quanto com a escrita. Segundo (SOARES, 2010, p. 13) “Há cerca de quarenta anos que não mais de 50% (frequentemente, *menos* que 50%) das crianças brasileiras conseguem romper a barreira da 1º série, ou seja, conseguem aprender a ler e escrever”.

Isso significa que desde a década de quarenta do século XX que prosseguimos nesse exemplo de escolarização e que quase nada foi feito com relação a essa área. Soares ainda conclui expondo que

Neste início do século XXI, o problema permanece; a diferença é apenas que, hoje, os alunos não rompem a barreira do 1º ciclo, que substitui a 1º série como etapa e alfabetização, ou, no caso de sistemas que optaram pela progressão continuada, passam ao ciclo seguinte ainda não alfabetizados. Soares (2010, p. 14).

Diante da fala da autora fica claro que ainda nos dias de hoje o problema existe e se não há tanto índice de repetência como antes, é porque os professores estão adiantando os alunos de uma série para a outra, sem que os mesmos estejam preparados para seguir adiante. Esse é um dos grandes problemas que vem acontecendo e é por isso que nos deparamos no âmbito das escolas públicas brasileiras com alunos que apresentam tantas dificuldades de aprendizagem na leitura.

1.2. O pouco hábito de leitura dos alunos: razões possíveis para o fracasso escolar

É certo que o aprendizado da leitura só acontece diante da prática por quem deseja aprender. E no que diz respeito à absorção da capacidade de ler, esta somente acontecerá com a prática da lendo, ou seja, somente praticando a leitura se aprenderá ler.

Também se faz presente na sociedade a ideia de que o saber ler é algo que se atrela a condição de se está na escola. Isto é, o indivíduo com determinada idade entra na escola e apenas lá, mantém o contato com o aprendizado da leitura. Entretanto, o saber ler é algo que não só acontece dentro de uma sala de aula. Existem varias maneiras de se alfabetizar alguém. Pois como diz Paulo Freire,

Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro, gravetos o meu giz. Por isso é que, ao chegar à escolinha de Eunice Vasconcelos [...], já estava alfabetizado. (FREIRE, 2000, p. 15).

A verdade é que a escola é vista como a única responsável pelo ofício de alfabetizar, sendo que esta ideia não é de agora, pois surgiu desde a Antiguidade Clássica, a escola tendo como responsabilidade inserir o ser humano no mundo da leitura. Dessa forma, alfabetizar ou inculcar o gosto pela leitura é algo que frequentemente se atribui exclusivamente ao alcance da escola.

Porém, quando se verifica a importância da priorização de programas televisivos, qualquer um que seja, em detrimento do contato com o livro, por parte de quem esta na escola ou quem já passou por ela, um questionamento acerca da eficácia da escola na missão de inculcar o gosto pela leitura no educando se faz anunciado.

O descaso pela leitura no alunado do ensino fundamental, inquieta grande maioria dos professores envolvidos no processo pela construção das práticas de leitura em tais educandos. Dessa maneira, quando vemos crianças, jovens e adultos venerando a telinha da televisão, podemos perguntar sobre a validade do livro e da leitura.

A inquietação dos professores segue frustração, visto que se observa, no que diz respeito à inculcação do gosto pela leitura no alunado um descompasso entre o que se almeja e o que se obtém. Isto é, é idealizado algo e, na verdade, contempla-se um resultado contrário daquele que se pretendia alcançar.

A experiência tem me mostrado que entre o que o educador espera do aluno enquanto leitor e o leitor real que tem sido formado pela escola há uma grande interrogação, um vazio, a queixa. [...] por que dizemos querer um leitor competente, bem formado e temos resultado, leitores funcionais. (VIÉGAS, 1997, p. 13).

O descaso citado pelo autor não é de uma visão negativa, mas sim uma visão realista, pois de fato, na sociedade em que vivemos há uma idealização a televisão e uma desatenção ao livro. Cabe então, fazer algumas discussões acerca da realidade constatada, ou seja, identificar os possíveis porquês justificadores da aversão à leitura, presente em grande parte dos alunos do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras. Elencaremos algumas razões que acreditamos ser responsáveis pela não formação de alunos leitores autênticos.

1.3. Professores que não gostam de ler

Para Machado (2003, p. 17) “ninguém contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aulas brasileiras estão cheias de gente que, apesar de não ler, tenta ensinar a ler”. Essa é a realidade, pois existem professores, especificamente na área de Língua Portuguesa e Literatura, que não gostam de ler. Este fato é algo que negativamente reflete nas práticas pedagógicas desses professores, principalmente na falha em desenvolver o gosto pela leitura.

De acordo com Candu (1998) o grande problema que aflige uma grande parte dos professores brasileiros é algo que tem suas raízes no processo de formação desses profissionais e, tal problemática não se encontra somente nos dias atuais, mas de acordo com a autora citada é algo que persiste há séculos.

Todavia, acredita-se que, ainda que não se possa negar existir defasagem significativa no processo de formação de professores, esta não se constitui elemento determinante no desenvolvimento de prática pedagógica onde teoria e prática sejam parceiros de caminhada.

Assim, pode-se pensar que não existe uma razão para explicar a existência de uma prática pedagógica improdutiva, senão quando se verifica inexistir boa vontade, por parte de quem a executa. Infelizmente, ainda hoje no Brasil, existem casos que demonstram a realidade das escolas públicas quando nelas se estabelece a ideia de que para ser professor basta saber ler e escrever e qualquer pessoa pode atuar na profissão. Este é um dos elementos decisivos para a inexistência de uma prática pedagógica que prime pela formação de leitores capazes de ler pelos próprios olhos.

Pensamos que é indispensável existir no professor o gosto pela leitura, desde que haja influência por parte dele no que se refere a desenvolver no aluno o gosto pelo ler, pois “É preciso ensinar aos alunos a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado”. (MACHADO, 2003, p. 18)

1.4. Determinar o que deve ser lido pelos alunos

O preparo para que o aluno consiga entrar num curso superior perpassa a realidade escolar brasileira até os dias atuais, principalmente quando o aluno vivencia o momento do Ensino Médio. Ali naquele momento é o ponto decisivo para que o aluno consiga passar no vestibular, por mais doloroso que seja, os alunos tem que enfrentar uma pilha de livros sobre leitura onde a palavra prazer não esta presente. Isto é, tudo porque o conhecimento de determinadas obras são exigidas no vestibular, dessa forma passando a existir uma leitura obrigatória e, conseqüentemente, desprezível por parte dos alunos que vivenciam.

Dessa forma, fica claro que parece existir, por parte de muitos professores, o contentamento em estabelecer listas significativas de obras a serem lidas pelos alunos, fato esse que nos revela o dar-se mais importância a fatos quantitativos do que qualitativos. Isso nos leva a crer que por parte de alguns professores inexistente a real compreensão do ato de ler.

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professores e professoras, em que os estudantes 'leiam', num semestre, um sem número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta as volta em extensas bibliografia a serem muito mais 'devoradas' do que realmente lidas ou estudadas. Verdadeiras 'lições de leitura' no sentido mais tradicional dessa expressão, a que se achavam submetidos em nome de sua formação científica e de que deviam prestar contas através do famoso controle de leitura. (FREIRE, 2000, p. 17)

Além disso, grande parte dos professores não se dá conta da importância que dão à exploração das leituras exigidas para que os alunos as façam. Dessa forma, o autor ainda enfatiza que existe uma visão distorcida por parte dos professores com relação à escrita, tendo em vista que,

"A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, relewa uma visão mágica da palavra escrita, que urge ser superada". (FREIRE, 2000, p. 18)

Dessa forma, poucos são os alunos que conseguem adquirir o gosto pela leitura, isto é, de forma forçada como acontece, referente ao ato de ler que se fez ou faz presente nas escolas, leva maior parte dos alunos a experimentar a aversão aos livros e, passando o momento da pressão do vestibular, para o qual era importante ler, nada ou quase nada ficou arquivado em sua mente.

Diante dessa realidade, pode-se perceber a inexistência do interesse no bem estar do aluno, pois o objetivo aqui, é que o aluno consiga gravar informações necessárias para obter êxito nos exames por que tenha que passar.

Assim, o professor considerado competente é aquele que consegue viabilizar maior numero de informações a seus alunos e, referente ao alunado, são destacados aqueles que conseguem absorver maior quantidade de informações que lhes são passadas, a tudo isto Paulo Freire (1970), chamou "educação bancária".

A educação na concepção bancária, com relação aos educandos, os mesmos são comparados a meros depositórios de uma bagagem de conhecimentos que são assimilados sem discussões, o objetivo nesta modalidade de ensino é não igualar os conhecimentos entre educador e educandos, mas sim, diferenciar quem tem conhecimento daqueles que não tem.

1.5. Tardia iniciação da leitura na escola

Uma observação mais atenta demonstrará que, no que diz respeito ao contato com a leitura propriamente dita – aquela que advém dos livros literários -, na escola esta se dá de maneira significativamente retardada. Ou seja, o contato com obras literárias é algo que se mantém distanciado dos alunos até determinado tempo.

Quase que de maneira generalizada, até a oitava série do chamado Ensino Fundamenta, os alunos, no que se refere ao contato com textos, somente constataam aqueles que estão inseridos no livro didático e isto, ainda que seja uma realidade, não se torna uma oportunidade de iniciação no hábito de ler, visto que, aos alunos, o livro didático se mostra como algo estranho à sua compreensão.

Sabemos que o material escrito que chega às mãos dos alunos se compõe essencialmente de textos didáticos. No entanto é singular o grau de desinteresse que aos alunos mostram pelo livro didático. Parte desse desinteresse pode ser oriundo de causas gerais, que contribuem para baixar o atrativo de qualquer atividade encomendada pela escola. Não o bastante, mesmo em véspera de exames, quando o livro didático deveria ser o recurso principal a ser procurado, os alunos relutam em recorrer a ele. O que acontece, evidentemente, é que se sentem incapazes de compreendê-los. (PERINI, 2001, p. 81)

Chama-se a atenção para o fato de que a experiências negativas vivenciada com o livro didático é algo determinante para que, depois os alunos cheguem à aversão pela leitura. Uma vez que nas escolas, o livro didático é o único material escrito no qual os alunos tem acesso diretamente por um longo tempo e ainda se mostra incompreensível, há uma tendência, por parte dos alunos, de se mostrarem insatisfeitos com o aprendizado da leitura. Assim, declarações como “a leitura não é para mim” ou então “não gosto de ler” e ainda “para quê saber ler se tem tanta gente que não sabe e vivem até hoje” para (PERINI, 2001, p. 82) são “racionalizações, substitutos da conclusão insuportável: não sei ler”.

O ensino da linguagem nas escolas brasileiras tem sido alvo de reflexão e análise por parte de diversos pesquisadores. Nas duas últimas décadas, temos visto surgir ampla literatura na qual linguistas, sócio-linguistas e outros estudiosos têm-se mostrado empenhados não apenas em fazer a crítica de como se processa o ensino

da linguagem em nossas escolas, mas, também, em analisar as questões subjacentes a esse processo e propor novos caminhos conceituais e metodológicos para o avanço dessa área de ensino.

Para além das reflexões desses teóricos e do volume de literatura existente, mudanças significativas no ensino da linguagem não parecem ter chegado às salas de aula e, embora possamos identificar – de acordo com relatos em periódicos, revistas especializadas, congressos, etc. – algumas experiências inovadoras, a grande maioria do professorado brasileiro continua presa ao ensino tradicional e conservador da linguagem. Antigas práticas, amplamente avaliadas em seus efeitos limitadores, contraproducentes e até perniciosos à aprendizagem da linguagem, continuam presentes nas salas de aula, mesmo diante do fracasso de muitos alunos e do desagrado de outros tantos em relação ao estudo da língua.

Assim é, por exemplo, que, embora haja inúmeros estudos sobre as restrições e prejuízos que um texto com cartilhas impõe à alfabetização de uma criança, a grande maioria dos professores ainda utiliza cartilhas para alfabetizar, mesmo que a literatura mais recente aponte para o texto como a entidade linguística por excelência, nas salas de aula o estudo de palavras isoladas e de frases desconectadas continua tendo prioridade.

Tal fato pode ser observado pelo desprezo à leitura algo que acontece em todos os níveis de escolaridade, ou seja, diante dos primeiros fracassos vivenciados na leitura mecânica, os alunos tentam fugir no que se refere a novas oportunidades de ler. Dessa forma, o livro didático deixa de se uma fonte de conhecimentos favoráveis, tanto para o cotidiano escolar quanto para a vida.

1.6. O que efetivamente vem a ser ler?

Entende-se que a compreensão de tal ação parte, impreterivelmente, da busca pela conscientização, por parte do leitor, acerca do seu papel quanto à prática da leitura, isto é, enquanto leitor, a passividade é algo que deve ser colocada de lado e, no entanto, a condição de sujeito ativo, priorizada.

Na leitura, o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios. Parto da ideia de que o leitor especialista atribui sentido e significado ao texto e rejeito o pressuposto de que recita (exceto no caso em que a atividade da leitura corresponde a este objetivo: por exemplo, na declamação poética). (SOLE, 1998, p. 18)

Somando à postura ativa, exige-se também, enquanto traço marcante presente na pessoa que compreende o que seja efetivamente ler, a alienação. Ou seja, quando do ato de ler, a alienação. Ou seja, quando do ato de ler, é imperativo que o leitor deixe seu mundo e, plenamente, empreenda entrada no mundo proporcionado pela leitura. A este agir dá-se o nome de alienação e, sem esta, torna-se impossível o acesso ao mundo o texto se encontra localizado. Veja-se o excerto abaixo:

Ler é um exercício de alienação. O alienado é uma pessoa que está fora de si, caminha num mundo que não é seu; é de outro. Mas isso, precisamente, é o que a leitura faz. Para ler é preciso fazer parar meu mundo. Se o mundo que me é próprio não for desligado, não poderei entrar no mundo que se entra no livro. Abro o livro. Desligo meu mundo. Começo a leitura. Entro num mundo que não é meu; é de outro. A alienação é uma das fontes do prazer da leitura. Por meio dela sou capaz, ainda que por um curto espaço de tempo, de sair da minha realidade e viver a realidade do outro. (ALVES, 2004, p. p. 56, 57)

Pode-se entender que a existência dessa prática de alienação estabelece dentre outras coisas, muita concentração e ainda condições materiais favoráveis, ou seja, o indivíduo quando sai do seu mundo e adentra no mundo proporcionado pela leitura é um tanto que ao leitor apenas é possível se este estiver concentrado e em condições materiais favoráveis, como por exemplo, o local onde o mesmo está inserido, a acomodação, dentre outros, precisam-lhes ser adequados.

Outro elemento indispensável para obter-se a compreensão do ato de ler é a interação entre quem está lendo e o texto que está sendo lido, dessa forma é importante existir um objetivo prévio que influencie o indivíduo a desenvolver a prática da leitura, isto é, antes que o mesmo inicie a leitura é imprescindível que uma definição a cerca do que vai ser lido seja feita, pois “ninguém estabelece navegar sem previamente determinar a aonde quer chegar” (ALVES, 2004, p. 74).

Para que haja compreensão do que se está lendo também se faz

necessário, por parte do leitor, que exista a consciência de não existir interpretação exclusiva do texto lido, isto é, mesmo que o conteúdo deste texto seja um só, sua interpretação existirá em proporcionalidade direta ao número dos seus leitores.

De um mesmo texto, leituras diferentes. Portanto, o texto não preexiste à sua leitura [...] é no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui, pois cada leitura é nova escrita de um texto. O ato da criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seria o autor, mas o leitor. É na interação que os interlocutores instauram o espaço da discursividade. O autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão configurar o processo de leitura [...] o leitor, na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica. A questão da compreensão não é só do nível de informação. Faz entrar em conta o processo de interação, a ideologia. (SOARES, 2001, p. p. 26, 27)

Aqui se faz indispensável à ação da escola, pois existindo, por parte dos professores, a devida preocupação em proporcionar ao aluno o contato direto com diferentes textos, tanto no que se refere ao conteúdo como à estrutura dos mesmos, existirá, por parte dos educandos, a compreensão da inexistência de unicidade textual e isso pode ajudar ao aluno a ampliar o seu universo de leituras e diversificar o seu repertório textual.

1.7. Construir o gosto pela leitura

Para o ser humano não existe um agir aleatório, que não o apresente consigo um porque justificador de sua ação. Por tanto, a seguir menciona-se alguns elementos que exigem justificativas sobre o ato de ler.

Ninguém nasce leitor, mas adquire-se de tal costume mediante o contato que se tem diretamente com a leitura. É impossível imaginar uma pessoa que queira ser leitor se não existir, de sua parte, a vontade de vir a conhecer o prazer que a leitura proporciona.

Ler é gostoso demais. Por isso, é natural que as pessoas gostem. Basta dar uma chance para que isso aconteça. Ninguém é obrigado a gostar de cara. Tem de ler dois, três títulos, até encontrar um que nos desperte [...] uma pesquisa recente mostrou que 80 % dos municípios brasileiros têm biblioteca. Elas podem não estar muito atualizadas, é verdade, mas o maior problema é que as pessoas não têm o hábito de visita-las. (MACHADO, 2003, p. 18)

Na busca pelo gostar de ler, é importante não esquecer que prazer é algo relativo, particular. Assim, ninguém, senão o próprio leitor poderá informar se o que esta lendo é algo que lhe proporciona prazer.

Porém, pode-se observar que no cotidiano escolar a leitura não é vista de forma prazerosa. Ou seja, quando se é levado em consideração o professor que trabalha com leitura, este avalia sua capacidade atrelada à quantidade de livros que exige dos seus alunos a leitura, não dando importância a questão do existir prazer em ler, por parte dos leitores.

Percebe-se então, que para que a leitura seja desenvolvida de forma prazerosa em sala de aula é necessário que ela não seja vista como uma obrigação, por parte dos alunos, ou seja, o desinteresse dos educandos com relação à leitura é diretamente proporcional à intencionalidade de cobranças, por parte dos educadores, acerca do que foi lido, corroborando com (POÇAS, 1992, p. 17) “ao saber que terá de prestar contas do que leu, o aluno passa a ver o texto apenas como mais um trabalho, em geral chato”.

Assim sendo, de acordo com a autora mencionada, é preferível que o professor ao invés de atribuir pontos pela confecção de fichas de leitura, aceite as expressões dos alunos, dessa forma o mesmo estará dando a oportunidade do mesmo expressar suas próprias ideias perante os demais colegas que irão se sentir influenciados pela leitura.

1.8. A vontade de aprender

A prática do ler com a finalidade de aprender é algo que, habitualmente é conhecido como estudar. Isto é, diante o desconhecer de alguma coisa, alguém se detém sobre um texto, livros e dente outros e aprende sua leitura, porque a intenção é saber o que ainda não se sabe. Desse modo, ler é estudar para se obter conhecimentos.

Todavia, precisamente porque intenciona adquirir conhecimentos de algo que até então não se tinha conhecimento, pois a leitura pode proporcionar ao aluno a fazer novas descobertas.

Em qualquer que seja a circunstância que a leitura esteja sendo vivenciada esta é geradora de aprendizado, de fato quando se ler buscando aprender, sendo este aprender sinônimo de acrescentar conhecimentos novos, a atitude do leitor com relação ao texto é outra, pois,

Quando por decisão pessoal ou por acatar decisões de outros, o aluno lê para aprender, sua leitura possui características diferentes das formas de ler dominados por outros objetivos [...] o leitor sente-se imerso em um processo que o leva a se auto-interrogar sobre o que lê, a estabelecer relações com o que já sabe, a rever os novos termos, a efetuar recapitulações ou sínteses frequentes, a sublinhar, anotar... (SOLÉ, 1998, p. p. 95, 96)

Quando existe há conscientização de que vai ler para adquirir aprendizado, este ato é fatalmente precedido pelo selecionar o que se vai ler, esta seleção é marcada pela existência da relação entre aquilo que já se sabe e aquilo que se quer conhecer.

Pode-se entender, que para se ter uso da leitura e necessário de um preparo, por parte do leitor, pois, a procura de um número em um catálogo telefônico, a certificação do acontecimento de um evento, em um jornal, a busca de um sinônimo em um dicionário e dentre outros, são atos que, de modo algum serão possíveis de serem feitos sem que exista uma preparação por parte de quem se disponha de tal habilidade.

O ensino da leitura para obter uma informação precisa requer o ensino de algumas estratégias [...] é preciso conhecer a ordem alfabética e saber que as listas telefônicas, os dicionários estão organizados conforme essa ordem; também deve-se saber que os jornais destinam páginas especiais aos espetáculos e que geralmente existe em um índice para mostrar o número da página em que se encontra a informação buscada [...] caracteriza-se por ser muito seletiva, [...] por sua rapidez [...] e por ser, ao mesmo tempo, muito minucioso, quando se encontra o que se busca. (SOLÉ, 1998, p. 93).

Dessa forma, pode-se observar que o uso da leitura enquanto meio de descobrir informações concisas é algo que, ao mesmo tempo, admite trabalhar no aluno a sua capacidade de atenção e possibilita ainda, o contato com a realidade em que, este está inserido. Isto é, além de ensinar no que diz respeito ao alcance de uma informação, também lhe permite, uma vez que se mantém informado sobre o mundo no qual está inserido, a condição de emitir opinião e, dessa forma, desenvolvendo seu senso crítico.

Dessa maneira, torna-se evidente o benefício que esta leitura possibilita ao aluno que se encontra em processo de formação, pois “lê-se porque é preciso e, além disso, há a necessidade de controlar a própria compreensão, pois não é suficiente ler, mas garantir a compreensão do que se leu” (SOLÉ, 1998, p. 94).

Quando o leitor tem autonomia de escolher o que se quer ler, sem pressão externa no que se refere a prática de leitura e, tendo livre arbítrio, empreende atitude selecionadora acerca daquilo que ainda vai ler.

Quando o leitor faz a seleção de algo que se vai ler, de maneira inevitável chega a quem fez a seleção o usufruto de uma postura crítica, uma vez que terá preferência ou deixará de lado textos e, dessa forma, apenas levará em conta o próprio querer, visto que “esta é a leitura que fazemos quando queremos saber de que trata um texto, saber o que aconteceu, ver se se interessa continuar lendo” (SOLÉ, 1998, p. 94).

Pode-se entender que esse passo na formação do aluno leitor deve ser vivenciada após as demais citadas, uma vez que, somente tendo vivenciado as experiências anteriores, o aluno leitor, ao descobrir o gosto pela leitura poderá definir o que lhe é prazeroso ou importante ler, isto é, nesse momento, o mesmo já desfruta de uma postura crítica e significativa que o remete á buscar aquilo que realmente lhe satisfaz, enquanto leitura, bem como o incentiva a afastar aquilo que lhe causa insatisfação quando ler.

CAPITULO II – METODOLOGIA

Este capítulo trata da análise dos dados obtidos na coleta feita com as professoras e os aluno/as da E. E. E. F. Dom Moises Coelho que fica situada na Rua Padre Jose Tomaz, 387 – Centro Cajazeiras – PB, procurando atender os objetivos deste estudo, cujo tema focaliza as “Dificuldades de Aprendizagem da Leitura: problemática no contexto da sala de aula”, realizou-se uma pesquisa que se compõe de pesquisas bibliográficas, questionários e observação feita em sala de aula.

2.1. Metodologia da pesquisa: estudo de caso

Com o intuito de alcançar uma nova descoberta, fez-se necessário utilizar metodologias apropriadas, que segundo Thiollent (1994, p. 25) “[...] como modo de conduzir a pesquisa. [...]”, e que desta forma possa aumentar e construir novos conhecimentos. Na busca de novos dados, foi-se almejado esta pesquisa, que para Seabra (2009, p. 55), “trata-se de um plano de trabalho visando a solucionar o problema que motivou o ato de investigar, que permitirá verificar as hipóteses formuladas [...]” a mesma tem por finalidade conhecer as principais dificuldades relacionadas à aprendizagem da leitura em sala de aula e identificar os principais aspectos que interferem neste processo de aprendizagem da leitura pelos alunos que estão nos Iniciais do Ensino Fundamental.

Apesar dos inúmeros aspectos epistemológicos que podem ser aplicados na procura de resolver objetivos propostos, este trabalho que tem por tema: “Dificuldades de aprendizagem da leitura: problemática no contexto da sala de aula”, tem como modalidade de pesquisa o estudo de caso, que, de acordo com Severino (2007, p. 121), trata-se de uma

“pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo [...]”.

Marconi e Lakatos (2008, p. 274) ainda afirmam que,

O Estudo de Caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos. Entretanto, é limitado, pois se restringe ao caso que se estuda, ou seja, um único caso, não podendo ser generalizado.

Diante destas afirmativas percebe-se o estudo é adequado para se pesquisar casos específicos, este tem como características visar descobertas, retratar a realidade de forma mais ampla, vale-se de fontes diferentes de conhecimentos, representa diferentes pontos de vista em dada situação, dentro outras características, na qual este é equivalente a estrutura desta pesquisa.

2.2. O contexto da pesquisa

Como já foi citado anteriormente, os dados foram coletados na E. E. E. F. Dom Moises Coelho que fica situada na Rua Padre Jose Tomaz, 387 – Centro Cajazeiras – PB, sendo uma instituição conveniada com 9º Gerencia Regional de Ensino, a qual funciona das 07 h00 às 11h 00, 13 h00 às 17 h00 das 19 h00 às 22 h00, atendendo no geral a 1086 entre crianças, jovens e adultos.

Esta instituição de ensino conta com o auxilio de 51 professores/as divididos nos períodos da manhã, tarde e noite, sendo que 30 são efetivos e 21 contratados. Alguns já concluíram o ensino superior e outros ainda estão cursando, todos moram na cidade de Cajazeiras - PB, e possuem uma faixa etária de 30 a 40 anos.

A escola possui quatorze salas que são ocupadas no turno da manhã pelos alunos do 1ª ao 9º ano, à tarde pelos alunos do 4ª ao 9º ano e a noite dando suporte ao primeiro e segundo ciclo do EJA (Educação de Jovens e Adultos); a escola possui quatro banheiros divididos entre masculino e feminino, quadra de esporte, pátio, biblioteca e sala de vídeo.

A estrutura administrativa do colégio é composta por três diretores, um gestor e dois co-gestores, sendo que todos trabalham em equipe na tomada de decisões, uma secretaria geral que trabalha em tempo integral, dois porteiros que dividem os horários, três cozinheiras que também dividem os horários, tendo como função fornecer alimentos para alunos e professores da referida escola e ainda seis

auxiliares que são responsáveis por toda a limpeza da mesma.

Já com relação à situação socioeconômica dos alunos, todos possuem pouco poder aquisitivo.

2.3. Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos e professores. Sendo 32 alunos da referida escola, divididos entre o 1º, 2º, 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Nesta perspectiva a análise foi desenvolvida com 8 alunos do 1º ano, sendo que esta turma contém 13 alunos com faixa etária de 8 a 6 anos e todos residem na cidade de Cajazeiras - PB, com 5 alunos do 2º ano, esta classe se compõe por 27 alunos com faixa etária de 6 a 7 anos, e os alunos também todos residem na cidade de Cajazeiras – PB, com 8 alunos do 3º ano, a classe da suporte a 34 alunos com faixa etária de 7 a 9 anos, e todos moram na cidade de Cajazeiras – PB, e ainda foram investigados 8 alunos do 4º ano, esta classe por sua vez se constitui por 35 alunos com faixa etária de 9 a 10 anos, e também todos moram na cidade anteriormente citada.

Outros sujeitos da pesquisa foram às quatro educadoras das turmas citadas anteriormente. A professora do 1º ano, que tem 50 anos é formada em Pedagogia tem especialização em Psicopedagogia, trabalha como educadora há 27 anos, natural da Bahia, reside na cidade de Cajazeiras – PB. A professora do 2º ano, tem 47 anos, formada em Pedagogia e igualmente a anterior contém especialização em Psicopedagogia e já trabalha na área há 23 anos, mora e é natural da cidade de Cajazeiras – PB. A professora do 3º ano, tem 46 anos de idade, também é formada em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia, exercendo a profissão há 14 anos, é natural da cidade de João Pessoa e há 14 anos mora na cidade de Cajazeiras – PB. E por fim a educadora do 4º ano, esta tem 45 anos, formada em História com especialização em Metodologia do Ensino, e já trabalha na área da educação há 10 anos, natural da cidade de Cajazeiras – PB.

2.4. Os instrumentos de coleta de dados

Para coleta de dados utilizou-se a observação sistemática, que segundo Marconi e Lakatos (2009, p. 276) argumentam que:

Também recebe várias designações: Estruturada, planejada, controlada. Utiliza instrumentos para a coleta de dados ou fenômenos observados e realiza-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos. Porém as normas não devem ser rígidas ou padronizadas, pois situações, objetos e objetivos podem ser diferentes.

É importante ressaltar que o período de observação se deu de forma controlada e sistemática, possibilitando um contato pessoal e estreito com o fenômeno pesquisado, por que “[...] mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso a informação e ajuda, em muitos casos na delimitação da pesquisa”. Matos (2001). Por isso, foi um dos métodos escolhidos para a realização da pesquisa, já que possibilitou descobrir através do contato direto com o objeto de estudo suas particularidades, uma vez que esse confronto de perto com a realidade foi indispensável, pois através do mesmo foi possível compreender as dificuldades relacionadas à aprendizagem da leitura na de a aula.

Esta observação com fins estabelecidos se deu nas aulas das turmas escolhidas da referente escola já citada anteriormente, possibilitando uma visão ampla dos procedimentos utilizados pelas professoras no referente à leitura desenvolvida em sala de aula.

Foi utilizado também, como instrumento de pesquisa para o levantamento de dados, o questionário individual e estruturado, sendo este um “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por partes dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”. Severino (2010), perante todas essas técnicas de dados o autor ainda argumenta que:

“As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas”. (SEVERINO 2010, p. 125).

O instrumento de pesquisa, isto é, o questionário foi entregue as professoras das turmas, sendo que as mesmas tiveram um tempo determinado para devolvê-los, pois está técnica de investigação, conforme Matos (2001) “consiste em

que sem a presença do pesquisador, o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente ou enviado pelo correio”. Sendo assim, acredita-se que este instrumento pode viabilizar aos entrevistados a comodidade de responder com tranquilidade. Desse modo, pode-se conferir se as respostas das professoras se enquadram com os dados obtidos durante o período de observação, assim sendo, os objetivos serão respondidos com mais clareza e nitidez.

Todavia, para que este processo viesse a ocorrer foi necessário utilizar o termo de consentimento livre e esclarecido, o mesmo tinha como finalidade esclarecer as causas e objetivos da pesquisa. Todo público alvo da pesquisa teve o devido conhecimento do mesmo, sendo que o sujeito que não apresentou a competência ou o domínio para responder por si teve este documento assinado pelos pais ou responsável, isto é, com a finalidade de esclarecer as dúvidas e eventualmente complicações futuras.

Diante todos esses procedimentos segue-se para a análise crítica dos dados obtidos durante toda a pesquisa qualitativa, que se deu de forma significativa para a ampliação deste trabalho, pois foi através desta que obteve-se respostas para as dúvidas e questionamentos a respeito do tema escolhido “Dificuldades de aprendizagem da leitura: problemática no contexto da sala de aula”. E que no futuro certamente nos servirão como embasamento de estudos.

CAPITULO III – CONCEPÇÕES DE LEITURA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

3.1. Análise do questionário das educadoras

Os questionários foram respondidos por 04 professoras, duas delas fazem mais de 26 anos que trabalham na área da educação, e as outras duas aproximadamente 10 anos. 03 são formadas em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia. Apenas uma é formada em História com especialização em Metodologia do Ensino. O questionário era composto por 05 questões, que se referia ao tema: “Dificuldades de aprendizagem da leitura: problemática no contexto da sala de aula”.

3.1.1. Concepção de leitura na visão das educadoras

Leitura é a jornada que aluno adquire logo cedo, em contato com livros, revistas, jornais, dentre outros. (P1)¹

É através da leitura que o aluno consegue desenvoltura enquanto cidadão, isto é, consegue através da leitura se inserir na sociedade da qual faz parte, de forma a desenvolver-se independentemente. (P2)

É a aprendizagem que o aluno adquire logo no início da vida em contato com diversos livros. (P3)

É através do contato com a leitura que a criança logo cedo começa a dar sentido e significado as coisas, objetos e dentre outros.(P4)

Ao observar os relatos das professoras, pode-se analisar a concepção que cada uma tem sobre leitura. As P1 e P3 relatam que a leitura é a jornada que o aluno adquire logo cedo em contato com os livros, jornais, revistas e dentre outros. A P2, diz que é através da leitura que o aluno consegue se desenvolver na sociedade e adquire através desta uma postura independente na tomada de suas próprias decisões, e a P4, fala que é por meio da leitura que a criança adquire desde cedo que a mesma atribui sentido e significado aos objetos e as coisas.

¹ Utilizaremos aqui (P) para representar os professores, e (A) para representar os alunos.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A linguagem e a realidade se aprendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2000, p. 11).

Freire ainda dá ênfase à importância da primeira experiência existencial, a leitura do mundo, do pequeno mundo, de fato, o primeiro contato com a leitura que a criança desenvolve é a partir das relações familiares, onde ler significa para a criança uma recompensa, a promessa e a ameaça. Soares (1998, p. 19) “Atribui-se a leitura um valor absoluto: Ela traz benéficos óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e a sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição do conhecimento e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação”.

Entende-se que a aprendizagem da leitura se dá desde os primeiros anos da criança com imitações de sons articulados, até então a fase adulta, onde há um grande aperfeiçoamento desta. Dessa forma, tanto a linguagem oral como a escrita se tornam indispensáveis ao processo de comunicação. Trata-se de um assunto que deve ser bem trabalhado durante a fase infantil, que é quando a criança está em processo da construção de conhecimento.

3.1.2. Dificuldade de aprendizagem da leitura

Ao perguntar as educadoras sobre as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem referente à leitura elas responderam o seguinte:

Quando a criança não sabe ler ela se torna dispersa, levando-a a indisciplina. (P1)

As crianças são agitadas, inquietas, só querem brincar, não param para pensar. (P2)

Uma das maiores dificuldades é falta de acompanhamento dos pais nas atividades. (P3)

Os alunos passam de ano lendo pouco, ou seja, com dificuldades na leitura. (P4)

Ao avaliar o quadro de respostas das professoras, percebe-se que todas elas desenvolvem praticas de leituras significativas, ou seja, que venha a favorecer o aprendizado da leitura, no tocante as principais dificuldades encontradas nas salas de aula averígua-se no relato da P1, que quando o aluno não sabe ler, este se torna indisciplinado.

3.1.2.1. Indisciplina

Quando o aluno é indisciplinado o mesmo dificulta bastante o seu convívio em grupo e até mesmo na sociedade. Mas, no entanto, isto não quer dizer que o aluno indisciplinado tenha dificuldade em aprender, o que torna difícil é que este por sua vez, deixa a sala de aula uma verdadeira bagunça, principalmente na relação professor/aluno, aluno/aluno. Já a P2, diz que, as crianças são agitadas, inquietas, só querem brincar e não param para pensar.

Diante desta situação, cabem aos educando desenvolverem atividades que sejam realizadas de forma prazerosa para as crianças, de modo que estas sejam conduzidas de formas diversificadas e trabalhadas de maneira a desenvolver o gosto pela leitura, para que se torne prazerosa. Pois como ressalva, Cardoso e Peloso (2007, p. 01).

Nos primeiros anos de escolarização o discente precisa ser incentivado e instigado a ler, de modo que se torne um leitor autônomo e criativo. Cabe ao professor proporcionar momentos de leitura significativa, incentivando a formação do indivíduo crítico e reflexivo.

Sendo a leitura um dos maiores instrumentos de aprendizagem dos educandos e, deste modo ela deve ser sempre estimulada pelos/as educadores/as para que os alunos através desta se tornem seres ativos e dominadores de diversos conhecimentos.

3.1.2.2. Falta de acompanhamento familiar

No entanto, a P3, relata que uma das maiores dificuldades é a falta de acompanhamento dos pais nas atividades. Percebe-se no relato da educadora,

haver um ressentimento em relação à ausência da família no processo de iniciação da criança no mundo da leitura.

Entende-se que, para que a leitura tenha importância na vida das crianças é indispensável à parceria entre família e escola, uma vez que não adianta a escola desenvolver o seu papel se a família não contribui com a tarefa de influência e incentivo a seus filhos, pois como Sabino (2008, p. 5) argumenta:

O desenvolvimento da interação escola-família representa uma imperiosa necessidade para que o professor possa ir de encontro aos interesses e conhecimentos prévios dos alunos a fim de os motivar. Pretende-se que os alunos, devidamente motivados, adiram voluntariamente às atividades de leitura.

Quando se tem esta parceria entre família e escola se torna menos dificultoso o trabalho da escola, e com relação aos alunos, estes se introduzirão no mundo da leitura com mais facilidade e desempenho de forma significativa.

3.1.2.3. Aprovação sem êxito na aprendizagem

E ainda a P4, narra que, os alunos passam de ano sem saber ler, ou lendo pouco, desta forma, com dificuldades na leitura. Por isso, nos dias de hoje não existem tantas repetências como antes, ou seja, os/as educando (a) estão passando os alunos de um ano para outro, sem os mesmos estarem em condições necessárias. Este é um dos problemas que as escolas brasileiras vêm enfrentando.

Diante deste quadro de respostas das professoras, compreende-se que as dificuldades encontradas no âmbito das escolas brasileiras são muitas, como fica claro nos relatos das educadoras que fizeram parte da pesquisa.

Segundo Rabelo (1993), as dificuldades gerais que acarretam a impedir a aprendizagem da leitura são resultados de diversos fatores do indivíduo ou inerente a ele, como por exemplo: o ambiente escolar, a ausência e abandono escolar, instabilidade familiar, relações familiares e sociais perturbadas, meio socioeconômico e cultural desfavorecidos, dentre outros. Dessa forma, constata-se que no âmbito das dificuldades gerais de aprendizagem na leitura podem-se encontrar causas externas e internas, no que diz respeito, ao indivíduo.

3.1.2.4. Decodificação do código escrito

Ao analisar as falas das educadoras, no que diz respeito às principais dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem referente à leitura, ainda pôde-se observar que na maioria das vezes os/as educando/a preocupam-se exclusivamente em alfabetizar as crianças, ou seja, ensinar a estas, somente ler e escrever, e isto acaba transmitindo na criança a ideia ler por obrigação. Isto pode vir a impedir a maneira como estas crianças irão aprender a gostar da leitura e de certa forma se identificar com ela.

3.1.3. Recursos utilizados pelas educadoras

O terceiro questionamento feito às educadoras tinha a finalidade de saber o que elas, faziam para tentar amenizar tantas dificuldades, no que se refere à leitura em sala de aula.

Procuro dar mais atenção a essa criança, converso com os pais, peço também apoio deles (já que a minha turma é bastante numerosa). (P1)

Procuro conversar com a mãe ou o pai e peço que eles procurem ler com seus filhos livros, jornais, panfletos. Entrego livros para lerem em casa. (P2)

Procuro trabalhar de forma diferenciada para suprir suas necessidades de leitura. (P3)

Praticar leitura. (P4)

Ao analisar as respostas observa-se que o P1, dar mais atenção aos alunos com dificuldades do que aos demais, entretanto a P2, procura conversar com os pais dos alunos e aconselha a fazerem leituras diversas, e ainda entrega livro para serem lidos em casa. Já o P3, trabalha de forma diferenciada para suprir as necessidades de leitura dos alunos, enquanto que o P4, só pratica a leitura. O que mais se chama a atenção é a preocupação que as professoras têm em tentar trazer os pais para dentro da escola, isto fica claro no depoimento da P1 e P2, como já foi mencionado anteriormente, a parceria entre família e escola é indispensável durante o processo de construção de conhecimentos da criança.

Na tentativa de amenizar as dificuldades apresentadas pelos alunos, verificam-se quais são os recursos utilizados pelas educadoras, na perspectiva de desenvolverem uma prática pedagógica que venha a favorecer o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com dificuldades na leitura.

Procuo me disponibilizar de materiais pedagógicos (alfabeto móvel, gravuras, adivinhações conhecidas, músicas dos seus conhecimentos e no que diz respeito a sua origem). (P1)

Rodinhas de leitura, bastantes livros para manusear, folhear, olhar as ilustrações, leem muitas histórias, dramatizo, dentre outros recursos. (P2)

Textos diversos, músicas, recorte e colagem, cantinhos de leitura onde faço dramatizações. (P3)

Livros, textos diversos. (P4)

A partir da análise deste quadro, consta-se que tanto a P1 como a P2 e a P3 utilizam os melhores recursos para tentar suprir as dificuldades apresentadas no processo de leitura, já a P2 recorre ao método tradicional. Diante dos relatos pode-se perceber que existe boa vontade por parte das educadoras em ampliar suas praticas, a fim de acatar as necessidades dos alunos no que diz respeito à aquisição da leitura.

Ao recorrer a certos tipos de recursos, se faz necessário os/as educador/a refletirem sobre estes, ou seja, analisar se o mesmo vai esta contribuindo para o aperfeiçoamento da aprendizagem da criança.

3.1.4. Metodologias utilizadas pelas educadoras

Diante de todos esses questionamentos perguntou-se ainda: qual metodologia seria mais adequada para utilizar em uma turma onde possui alunos com dificuldades na leitura?

Todas responderam que as metodologias deveriam ser variadas, no que diz respeito à prática da leitura, a mesma tem que se dá através de várias leituras ou textos informativos, uma ainda complementou dizendo que uma boa relação efetiva entre educando/educador é e de suma importância para a amenização dessas dificuldades, e que é indispensável à troca que se tem de conhecimento e

experiências entre educado/r/educador para a escolha de melhores metodologias.

Isso nos transmite a ideia de que, no transcorrer das aulas e das dificuldades, o educador deve criar metodologias diversificadas para lidar com os educandos, ou seja, o professor é responsável por proporcionar à criança a chance de interagir com o escrito, de examinar programas, de fazer listas, dentre outros.

Dessa forma, entende-se que é extremamente importante que o educando tenha acesso a diferentes tipos de textos que venham a contribuir com o seu processo de aprendizagem.

3.3. Análise dos dados do/as aluno/as

O questionário respondido pelos/as aluno/as tinha 08 questões, sendo 03 subjetivas e as demais objetivas, procurou-se identificar a familiarização que os alunos têm com a leitura, de forma bem simples o questionário foi aplicado na referida escola citada anteriormente nas turmas do 1° ao 4° ano do Ensino Fundamental.

Através das respostas alcançadas com o primeiro questionamento, o qual pergunta se eles gostam de ler, dos 32 aluno/as investigados 21 responderam que gostam de ler, somente 11 aluno/as responderam que ainda não sabem ler, mas que, no entanto gostariam muito de saber.

É por meio da leitura que se forma sujeitos intelectuais, autônomos e críticos. Além desses pressupostos, ler é instigante e essencial para que o sujeito possa enriquecer o vocabulário, adquirir novas informações, ainda interpreta o mundo e as pessoas fazendo uma relação com nossas vivências e com os conhecimentos dos outros. Afinal ler é sinônimo de cultura é uma toca de valores, emoções, dentre outros.

Quando se questionou o que eles entendiam por leitura, alguns alunos/as responderam da seguinte maneira.

Leitura é aprender escrever é saber estudar os textos. (A1)

Com a leitura agente aprende mais, multiplica a leitura e aprende ainda escrever. (A2)

Com a leitura a pessoa aprende a estudar, a escrever. (A3)

Quando agente ler agente descobre e aprende coisas novas. (A4)

A leitura é necessária para podermos aprender escrever e estudar para passar nas provas. (A5)

Consta-se em seus relatos que ler se resume ao fato de decodificar o que certas letras pronunciam, alguns descrevem em suas respostas que gostam de ler livros entre eles a bíblia da criança, historias em quadrinho da turma da Mônica, histórias infantis como a Branca de Neve, dentre outros. Outros ainda só leem os textos que a professora passa, ou seja, o livro didático.

Observou-se ainda nas respostas dos alunos muitos erros ortográficos, frases sem coerência e principalmente muita falta de interesse em escrever o que se estava pedindo. Contudo compreende-se que ler e escrever estão interligados e são dissociáveis, pois não existem bons leitores sem existir excelentes escritores. Pois como afirma Zilberman (1998, p. 38), "*Ler e escrever são hoje, duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independentemente do tempo médio com elas dispendidos do contingente de pessoas que a praticam*".

Dessa forma, a conclusão que se pode chegar é que os alunos precisam aperfeiçoar a ação de escrever e estabelecer uma relação com a prática da leitura e escrita, cabendo ao educador passar para os educandos atividades de qualidades que envolvam o ato de escrever.

Ao observar as quatro turmas do 1º ao 4º ano do ensino Fundamental no período de duas semanas na escola onde se desenvolveu a pesquisa, pode-se identificar que naquele ambiente a leitura é vista pelas educadoras como elemento fundamental para a formação dos educandos, já que, no referido estabelecimento são proporcionadas as mais variadas leituras.

Na mesma ainda existem projetos que tenta influenciar os alunos a desenvolverem o hábito da leitura, projetos esses como: Jornal na Escola, Leitura em Ação, Primeiros Saberes na Infância, dentre outros, o que mais chamou a atenção foi que, uma vez por semana os alunos são levados para fazerem uma visita à biblioteca. Numa conversa que tive com um dos alunos que fez parte da pesquisa, observa-se no relato deste quando enfatiza que:

“É o dia melhor da semana, é o dia que eu mais gosto, pois tia nos leva lá, daí podemos ver um monte de livros de historinhas, tem até cadeirinhas e mesas pequenas que só dá para criança sentar, tem um monte de figurinhas nas paredes, é tudo muito bonito, eu gosto de estudar lá”. (aluno 1).

Diante deste relato, observa-se que, o ambiente em que o aluno está inserido pode contribuir para que este venha a desenvolver o gosto pela leitura, pois quando a criança ressalva que lá tem cadeiras pequenas, figuras e diversos livros, ou seja, um ambiente apropriado para desenvolver a leitura, chama-se a atenção para que os/as professor/as desenvolvam práticas diversificadas utilizando os mais variados recursos para chamar a atenção dos mesmos em ampliar o processo de aprendizagem da leitura de forma prazerosa e reflexiva.

Os/as professores são visto/a como peça fundamental neste processo de incentivador e mediador na formação de crianças leitoras, porém em compensação os pais dos alunos não os incentivam a desenvolver o gosto pela leitura, tal afirmação se dá ao fato de 19 alunos responderem que seus pais não têm tempo para ensinarem os deveres passados pelas educadoras, ou seja, se eles não têm tempo para ensinarem os deveres escolares aos filhos, imagina sentar para fazer a leitura de um livro juntamente com eles. Apenas 09 alunos responderam que os pais ensinam as atividades escolares. E 04 responderam que os pais os incentivam e fazem leituras juntas, pois sempre falam que a leitura é muito importante.

O ambiente familiar proporciona um importante papel no desenvolvimento da criança, principalmente no que diz respeito à formação de atitudes e hábitos. Segundo Rêgo (1998), a imitação desempenha aspecto relevante na formação da personalidade da criança e o contato direto que a mesma tem com o adulto permite o aprendizado em dimensões significativas. Sendo que, vivemos numa sociedade letrada, onde o domínio da leitura se torna indispensável e essa habilidade na criança pode ser aprendida no ambiente familiar, isto é, quando os pais são bons leitores.

No ponto de vista apresentado por Vygotsky no que se refere ao sociocultural, no processo de desenvolvimento humano, é destacado o intercâmbio entre criança/adulto, isto é, no sentido de permitir melhorias no aprendizado contextualizado à realidade vivenciada pela criança, e nesse leque de intercâmbios a leitura pode vir a ser estimulada no convívio familiar.

Dessa forma, entende-se que o processo de aquisição da leitura em muitos casos não é exclusividade somente da deficiência apresentada pelo contexto escolar, pois o ambiente familiar revelado nos relatos do/as aluno/as não oferece condições necessárias de elevar seu aprendizado.

Deste modo, é importante que o/as professor/as juntamente com a escola promovam propostas pedagógicas adequadas, para que haja a ampliação do nível qualitativo de aprendizagem da criança no que diz respeito à aquisição da leitura, envolvendo a participação da família neste processo de construção de conhecimentos.

Faz-se necessário esta criação de situações, para que o exercício da leitura cause reações, interações, e construa subjetividades e conhecimentos, não servindo somente como atividade simplesmente de cópia ou de decodificação dos sinais, alienando o/as aluno/as no meio em que estão inseridos.

A escola quando é vista como um espaço socializador de conhecimentos assegura ao seus/suas aluno/as o aprendizado da leitura, devendo fazer circular em seu meio uma diversidade de materiais, com conteúdos enriquecidos e variados, promovendo assim a formação de leitores livres e independentes.

Concebe-se assim, a prática de leitura, não como uma habilidade linguística, mas sim, como um processo de descoberta e de distribuição de sentidos que venha a permitir a interação entre leitor e mundo. Segundo Freire (2000, p. 11), “[...] O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita [...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Por tanto, se faz necessário que o professor seja habilitado e preparado, pois só assim desenvolvera em sala de aula, diversos tipos de leituras, leituras estas que possibilitem o aprendizado do aluno, ou seja, permitindo ao mesmo a efetivação do real significado do que se está lendo. Como se pode perceber nos questionamentos respondidos pelo/as aluno/as fica claro nos relatos deste que a maior parte não tem o hábito de ler. Deste ponto vista, é cabível reforçar a importância de o professor utilizar o melhor meio de selecionar diferentes tipos de textos para chamar atenção dos mesmos a desenvolverem o gosto pela leitura, não de forma obrigatória, mas sim por prazer e satisfação.

No primeiro questionamento respondido pelos alunos a maioria respondeu que gostavam de ler, entre as leituras preferidas citaram, a bíblia da criança, histórias em quadrinho da turma da Mônica, histórias infantis como a Branca

de Neve, outros só leem os textos que a professora passa, mas, no entanto veja-se o que eles respondem as perguntas:

Quando se indagou como ele/as se sentem ao ganhar um livro, ou como se sentem ao entrar numa livraria, as respostas são sempre sim, pois dos 32 alunos que participaram da pesquisa 26 responderam que ficam felizes ao ganhar um livro, 05 satisfeitos e 01 triste, podemos nos perguntar, será que é verdade? Ou então, será que eles já pelo menos ganharam um livro? E ainda, todos responderam que se sentem felizes ao entrar numa livraria, de fato, numa livraria pode-se encontrar uma diversidade de coisas novas, como revistas, livros ilustrativos, desenhos em quadrinhos, dentre outros aspectos que chame a atenção destes, criança gosta de coisas diferente, novidades. Mas, no entanto, ao questionar, o que elas fazem quando não tem atividades de casa, 23 responderam que brincam, andam de bicicleta e 08 passeiam e 01 ler histórias, dessa forma, ficando claro que, as crianças não têm o habito de praticar leitura, ou então não dão o devido valor que deveriam dar a este processo.

Vários estudos apontam que o gosto pela leitura desenvolve-se a partir de uma aproximação efetiva e significativa em relação aos livros. Segundo Kriegl (2002): Ninguém se torna leitor por um ato ou obediência, ninguém nasce gostando da leitura, a influencia dos adultos como referência é importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo. Dessa forma, é fundamental que os professores construam espaços, no contexto escolar, que possam viabilizar o desenvolvimento do hábito de leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) apresentam sugestões para o trabalho com a leitura, apontando a necessidade de que ela aconteça diariamente. Eles esclarecem que o ato de ler deve ser uma prática realizada de várias formas, desde que faça sentido dentro da atividade na qual se insere

Cabe, então, ao professor promover em sua aula, um espaço interativo e participativo, para, assim, dar possibilidades aos discentes de desenvolverem o gosto pela leitura e, decorrente disso, instituir-se o hábito leitor. Ainda é de suma importância que pais e professores assumam o papel de incentivadores da leitura proficiente de seus alunos e filhos, pois o desenvolvimento do ato leitor ocorre principalmente quando a criança interage com leitores maduros, que lêem para ela e com ela, permitindo-lhe familiarizar-se e envolver-se com o que lê.

É fundamental ressaltar que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores. Ou seja, ela deve direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo não seja apenas o ensino de leitura em si, mas desenvolver nos alunos a capacidade de fazerem uso da leitura (como também da escrita), para que eles possam enfrentar os desafios da vida em sociedade, e, a partir do conhecimento adquirido, tenham possibilidades de continuarem os seus processos de aprendizado, de forma autônoma, e de terem um bom desempenho na sociedade, ao longo de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização do indivíduo é determinada por uma multiplicidade de fatores. Dentre estes, os de ordem cultural, social e política relativizam os critérios definidores da quantidade e da qualidade das aquisições, evidenciando que aqueles conceitos são relativos a diferentes povos, culturas e momentos históricos. Como diz Soares (1985), tais conceitos são de natureza complexa, multifacetada, ativa, construtiva e que implicam dimensões individual, social, cultural e política, envolvendo uma gama de perspectivas e uma pluralidade de enfoques. Desse modo, uma abordagem coerente de alfabetização deve ser suficientemente competente para incluir: a) a mecânica do ler/escrever; b) os aspectos construtivos do processo; c) o enfoque da língua escrita como meio de expressão/compreensão/interação, com especificidade e autonomia com relação à língua oral; d) os determinantes sociais das funções e finalidades da língua escrita.

Além disso, em nenhum momento/nível desse processo, o professor pode se omitir de desempenhar, da melhor maneira possível, o seu papel mediador na construção desse conhecimento, pela criança. E, sobretudo para a criança da escola pública, cuja vida escolar, em geral, é muito curta, nenhum momento do seu processo de alfabetização deve ser desperdiçado. Para isto, o professor deverá proporcionar-lhe experiências sistemáticas, onde a criança seja estimulada: a desenvolver a sua oralidade; a agir e a refletir sobre a língua escrita/falada; a refletir sobre as funções e importância da aquisição da língua escrita; a ler e a escrever, não só como habilidade de decodificação e de codificação, mas principalmente como apreensão/compreensão/expressão da língua; a fazer uso da língua oral e escrita, em todos os níveis de complexidade e em todos os usos sociais/individuais, respeitando-se as variações linguísticas apresentadas por cada um dos alunos. Esta é a grande meta da alfabetização que, por ser processual, acontece por etapas.

Essas etapas, ao longo dos níveis/ciclos escolares devem ser flexivelmente definidas, mas insistentemente perseguidas. Desse modo, as crianças não devem ser prejudicadas, se não atingirem as metas do seu nível, nem devem ser impedidas de avançar, se apresentam condições de fazê-lo. Finalmente, a compreensão e a articulação desses saberes, pelos professores, são fundamentais para que sejam definidos critérios de avaliação e de intervenção junto às crianças e

para que possam encaminhar uma pedagogia de alfabetização com mais chances de ser bem sucedida.

Um somatório de fatores, conforme foi demonstrado neste trabalho, pode ser considerada a causa da dificuldade de leitura apresentada pelos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Deste modo, a solução do problema não é algo que se possa dizer simples, mas que, no entanto se faz decorrer por complicação.

A escola e o professor têm um papel importante em possibilitar o desenvolvimento do hábito da leitura discente, porém é necessário que os pais também estejam em sintonia em relação a esse processo, para que possam criar espaços e situações para que seus filhos sintam prazer ao ler.

Diante da análise feita das respostas das professoras e dos alunos/as pode-se verificar que a maioria dos alunos não encontra, em seus lares, um ambiente favorável à leitura, e, por esse motivo, é importante que a escola promova projetos que incentivem o desenvolvimento desse hábito e, também, busque estabelecer com os pais uma parceria, criando à consecução desse objetivo, pois apenas por meio da leitura é que formaremos cidadãos autônomos e conscientes.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), é obrigação da escola garantir o acesso dos alunos aos diversos portadores textuais, assim como criar espaços para que os discentes saibam utilizá-los como fonte de informação e entretenimento. No entanto, se os pais dos alunos de dispuserem a mediar, junto com a escola, o processo de ensino e aprendizagem da leitura de seus filhos, pode-se tornar, de fato, proficiente, pois segundo Lajolo (2009), “mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada”.

É importante lembrar que, ninguém pode exigir algo que não a vivencie em seu cotidiano e, formar a vivência de alunos leitores se faz necessário à existência do professor leitor. Conhecendo autores e textos diversos, o educador poderá colaborar de forma significativamente para o despertar, no educando, do desejo de ler.

Por fim, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, à construção de leitores que saibam o que estão lendo, torna-se indispensável à existência do trabalho desenvolvido em conjunto. Dessa forma não ocorrendo êxito, total ou parcial, na prática pedagógica dos educadores dos anos iniciais do Ensino

Fundamental se, quando da vivência dos anos anteriores, não existir a consecução daquilo que se espera o real ato de alfabetizar.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSK. Carla Bossanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2006.

ALVES, Rubem. **Entre Ciência e Sapiência**: o dilema da educação. São Paulo. Loyola. 2004.

BACELAR, Lucidalva Pereira e CUNHA, Maria Josenilde Costa. **Metodologia do Ensino de Português**: UVA. Fortaleza/CE, 2000.

BIRCK, Sória Maria Chirst. O que ler e como ler. In: **Revista Mundo Jovem**. 62 ed. editora PUC, São Paulo, maio de 1997.

CANDU. Vera M. **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis. Vozes. 1988.

CARDOSO, Giane Carrera; PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **A importância da leitura na formação do indivíduo**. 2007, Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/pedagogia09/pages/artigos/edic09-anov-art03.pdf>>. Acesso em: 23/04/2012.

CARVALHO, Barbosa Vasconcelos de. **Compendio de Literatura Infantil**. São Paulo: IBEP, 1980.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1970.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez. 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e Terra. 2004.

HELDER, Jaqueline. **O imaginário no poder, as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo. Sumns editorial, 1980.

MACHADO. Ana M. A literatura Deve Dar Prazer. In: **Revista Nova Escola**. São Paulo. Abr/Jul, 2003.

OLIVEIRA. Pérsio S de. **Introdução à Sociologia**. São Paulo. Ática. 2000.

_____. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: vozes. 2007.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. **Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. 1997.

PERRENOUD. Phillipe. **Escola e Cidadania**: O papel da escola na formação da democracia. Porto Alegre. Artmed. 2005.

PERINI, Mário A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. da. Org. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo. Ática. 2001.

POÇAS, Muller I. Quando ler se torna um prazer para o aluno. In: **Revista do professor**. N° 32, Out/dez. 1992.

RABELO, J, S. Dificuldades da Leitura e Escrita em Alunos do Ensino Básico. Rio Tinto: Edições Asa. (1993). REGO, Teresa Cristina. Uma Perspectiva Histórica. **Cultural da Educação**. 10° ed. São Paulo: Edicon, 1996.

SABINO, Maria Manuela do Carmo. **Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção**. Disponível em: <<http://www.rioei.org/jano/2398Sabino.pdf>>. Acesso em: 23/04/2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. As modalidades de trabalhos científicos. In: **Metodologia do trabalho científico**. – 23. ed. rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ezequiel T da. **Criticidade e Leitura: ensaios** Campinas: Mercado de Letras. 2002.

SOARES, Magda. As Condições Sociais da Leitura: uma reflexão em contra ponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. Org. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo. Ática. 2001.

SOARES, Magda. As Condições Sociais da Leitura: uma reflexão em contra ponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. Org. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo. Ática. 1998.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2010.
SOARES, Magda Becker. As Muitas Facetas da Alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fund. Carlos Chagas, v.52, p.19-24, fev. 1985.

_____. Em Busca da Qualidade em Alfabetização: em busca... de quê? In: SOARES, Magda Becker et al. **Escola Básica**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1994, p.45–53.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre. Artmed. 1998.

VIÉGAS, Karla V. Ler para gostar de ler. In: **Revista do professor**, N° 52, out/dez, 1997.

ZILBERMAN, Regina e Silva; EZEQUIEL, Theodoro da. **Leitura respectiva interdisciplinar**, São Paulo: Editora Ática, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O EDUCADOR

Este questionário está sendo aplicado a um determinado público com o objetivo de se obter dados estatísticos com finalidade sócio/educacional.

Desta forma, venho solicitar-lhe a resposta ao mesmo, pois estas servirão como base para verificar e analisar o objeto da pesquisa: as práticas de leitura no ambiente escolar.

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DE PESQUISA:

Siglas do Nome: _____

Sexo: Masc. () Fem. ()

Idade: _____

Profissão: _____

Função ou Cargo Atual que exerce: _____

Quanto tempo você trabalha na sua função atual? _____

Tempo de serviço total: _____

Escolaridade: _____

Curso: _____

Especialização: _____

Mestrado (); Doutorado ()

Área de concentração: _____

1- Na sua concepção de educador (a), o que você entende por leitura?

2- Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de ensino e aprendizagem referente à leitura?

3- O que você faz, quando descobre em sua turma uma criança com dificuldades a leitura?

4- Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

5- Qual metodologia seria mais adequada para utilizar em uma turma onde possui alunos com dificuldades na leitura?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA O EDUCANDO

CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DE PESQUISA:

Siglas do Nome: _____

Sexo: Masc. () Fem. ()

Idade: _____

Série (Ano): _____

Responda o questionário de acordo com o que se pede, as questões e suas respectivas respostas são referentes às práticas de leitura no ambiente escolar:

1- O que é leitura, na sua opinião?

2- Você gosta de ler? Por quê?

3- Como se sente quando ganha livros?

() Triste () Feliz () Satisfeito
() Chateado () Bravo

4- Como se sente quando vai a uma livraria?

() Triste () Feliz () Satisfeito
() Chateado () Bravo

5- Sua família estimula você a realizar boas leituras? De que forma?

() Sim () Não
() Fazem leituras diversas () Ensina atividades escolares

6- Quando você não tem atividades de casa costuma?

() Brincar () Passear () Cantar
() Ler histórias () Andar de bicicleta

ANEXO

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1 Informações a (o) participante

1.1 Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa a atender às exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que, no Brasil, regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Seu principal objetivo é assegurar e preservar os direitos dos participantes de pesquisa.

1.2 Atendendo à referida Resolução, este Termo contém informações acerca do projeto de pesquisa e seu responsável abaixo mencionado. De pleno direito, o (a) participante deverá tomar conhecimento do teor do projeto para que possa, de modo esclarecido e livre de quaisquer imposições, decidir por sua inclusão, através de sua assinatura ao final do termo, ficando de posse de uma de suas vias, e a outra, de posse do pesquisador.

1.3 Quando se tratar de participante que seja impossibilitado de assinar, no caso de não-alfabetizado, cabe ao pesquisador, na presença de testemunha, fazer a leitura do termo, de forma clara e pausada, repetindo-a, se necessário for, respeitando a condição social, econômica, cultural e intelectual do participante, que, neste caso, deixará sua impressão datiloscópica (marca de seu polegar) na parte final do termo, além de recolher a assinatura da testemunha.

1.4 O participante legalmente incapaz deve ser representado por seu respectivo responsável, e, no caso de sua ausência, por um representante legalmente constituído pelo Estado, e que possa defender seus direitos, assinando o termo.

2 IDENTIFICAÇÃO

2.1 Título do Projeto de Pesquisa

2.2 Nome da pesquisadora Responsável:

2.3 Instituição proponente:

2.4 Finalidade:

2.5 Benefícios esperados:

2.6 Justificativa:

2.7 Objetivos:

Objetivo Geral:

Objetivos Específicos:

3 Procedimentos: o planejamento da pesquisa constitui-se da:

4 GARANTIAS A (O) PARTICIPANTE DE PESQUISA

4.1 Garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia e procedimentos da mesma.

4.2 Liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo **ao seu cuidado ou**

assistência (caso o voluntário esteja recebendo cuidado ou assistência no âmbito da instituição onde está sendo realizada a pesquisa).

4.3 Garantia do sigilo que assegure a privacidade do (a) participante quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, e anonimato, visando preservar integridade de seu nome e dos seus.

4.4 Garantia de que receberá retorno dos resultados da pesquisa e de sua publicação para fins acadêmicos e científicos, e que os dados coletados serão arquivados e ficarão sob a guarda do pesquisador, estando acessível a (o) participante quando desejar.

4.5 Garantia de que não terá nenhum ônus com o projeto, que será totalmente custeado pelo pesquisador e/ou patrocinador, e/ou instituição, e que será ressarcido de despesas decorrentes do projeto de pesquisa, como deslocamento, afastamento das atividades e/ou do trabalho, hospedagem, alimentação, bem como será indenizado por eventuais danos diretamente resultantes da pesquisa a curto, a médio ou longo prazo.

4.6 Garantia de que poderá buscar informações junto ao pesquisador responsável, que estará acessível para esclarecimentos e/ou dúvidas acerca do andamento, conclusão e publicação dos resultados, bem como, de que poderá buscar informações junto à _____, que avaliou o trabalho e aprovou o Termo ora apresentado, ou a outras instâncias que podem esclarecer e defender seus direitos, caso manifeste esse desejo.

5 CONTATO (S) DISPONIBILIZADO (S) PELO (S) PESQUISADOR (ES)

Nome da/o pesquisadora/or:

5.1 Ciente da importância da participação do voluntário, o agradeço por permitir sua inclusão no acima referido projeto de pesquisa;

5.2 Comprometo-me reiteradamente, a cumprir a resolução 196/96, e prometo zelar fielmente pelo que neste termo ficou acordado;

5.3 Como prova de compromisso, disponibilizo meus dados para contato ao participante:

Dados completos da/o pesquisadora/or.

Nome do orientador:

Nome do aluno:

Endereço:

6 CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Após obter as informações e esclarecimentos sobre o referido projeto de pesquisa e, estando de acordo com o teor desse termo, o (a) participante ou seu representante (no caso de legalmente incapaz), o assina, recebendo uma via, consentindo sua inclusão no protocolo de pesquisa, de forma livre e gratuita. A outra via do termo fica reservada ao pesquisador (a), que também assina esse documento.

Cajazeiras/PB, ____/____/_____.

Assinatura do Participante ou Responsável Legal

Assinatura do Pesquisador Responsável